



Universidade de São Paulo
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
LES0237 - Sociedade, Cultura e Natureza
Prof. Dr. Paulo Eduardo Moruzzi Marques

T4 em torno de ideologia e era moderna (Thompson, 1995)

Grupo: Edson Chia Jen Chiang, João de Lima Puliti, João Pedro Bacchin Milanez, Maísa Romanello,
Marcelo Kenji Mizokoshi, Marina Gabrielle Rodrigues.

Com contribuições dos grupos e do professor

John Brookshire Thompson é um sociólogo norte americano, professor da Universidade de Cambridge e profissional reconhecido internacionalmente no campo das ciências sociais por seus estudos sobre o papel da mídia na sociedade contemporânea. Em sua obra sobre ideologia e cultura, Thompson (1995) discorre sobre distintas interpretações das principais transformações sociais e culturais associadas ao desenvolvimento das sociedades modernas, destacando o papel da ideologia, tomando em conta diferentes perspectivas de defini-la.

Thompson baseia seus argumentos mobilizando notadamente os pensamentos de Marx e Weber, propondo o que denomina a “grande narrativa” do desenvolvimento das sociedades modernas. Trata-se da emergência do capitalismo industrial na Europa, que é acompanhada do declínio da religião e da magia e o surgimento da “era das ideologias”, na concepção de determinados autores. .

Portanto, a grande narrativa se refere ao refluxo das crenças religiosas no século XIX e XX. Marx argumenta que as sociedades, antes do capitalismo industrial, eram conservadoras. Este autor considera que ocorre uma “desmistificação” graças ao capitalismo, ou seja as relações de dominação e exploração se tornam mais evidentes neste sistema. Assim, acredita que os homens seriam incitados a intervir para transformar este sistema. Já Weber apresenta sinais de decepção em seus estudos, propondo a noção de “desencantamento” do mundo social, o que ocorreria em razão da crescente racionalização e burocratização, implicando no desaparecimento de tradições e crenças.

Se ambos os autores consideram que a ascensão do capitalismo provoca a dissolução das tradições e costumes, Weber estima que mudanças culturais foram precondições para a emergência do capitalismo no Ocidente. Para o pensador alemão, “a ética protestante” estimulou o capitalismo, não enquanto impulso de ter mais ou gerando ânsia por lucro, mas oferecendo uma compreensão deste sistema como um meio moderado racional para a cobiça. Quando o capitalismo adquiriu força própria suficiente, dispensou ideias e práticas religiosas que foram importantes para sua emergência. Para o pensador, o nascimento do Estado burocrático e o progresso do capitalismo tornou a ação humana orientada pela razão fundada em critérios de eficiência técnica. Em resumo, Weber afirma que o “destino do mundo moderno” está fadado à burocratização da vida social e a dissolução dos valores e tradições conhecidos, pela racionalização extrema em virtude do capitalismo.

Nesta grande narrativa, alguns autores propõem que entre o final do século XVIII e começo do século XIX, teria início a *era das ideologias*, simultaneamente ao processo de secularização, paralelo ao crescimento dos centros industriais europeus e a laicização do Estado, que deixava de se legitimar por valores religiosos ou vontade divina, para se basear na noção de soberania e império formal das leis, tornando-se uma questão susceptível de ação humana.

Com esse processo de secularização na vida social e política, houve para certos pensadores uma difusão de diversas *ideologias* - compreendidas como sistemas seculares de convicções que mobilizam e legitimam doutrinas como o socialismo, comunismo ou liberalismo. A expansão da indústria jornalística e aumento da alfabetização da sociedade favoreceriam esta disseminação das ideologias na *esfera pública*.

Na construção da grande narrativa de transformação cultural, outros teóricos propuseram a tese do fim das “ideologias”. Assim, usavam o termo como doutrinas abrangentes, predizendo um futuro radicalmente diferente do presente, que só aconteceria em razão de ações fervorosas em nome destas causas. Deste modo, as ideologias ofereceriam uma visão coerente do mundo sócio-histórico exigindo alto grau de ligação emocional, o marxismo nesta ótica sendo a ideologia por excelência. De acordo com tais teóricos, o desenvolvimento econômico e a maturidade política das sociedades levariam ao fim das ideologias, que perderiam seu poder persuasivo em razão de desilusões causadas por transformações sociais radicais ocorridas no século XX.

Além de considerar muito pobre esta concepção de ideologia, Thompson critica a quase completa ausência de reflexão sobre o papel dos meios de comunicação de massa na grande narrativa das transformações culturais. Entre os poucos teóricos da grande narrativa que tratam do problema, Alvin Gouldner desenvolve uma interpretação fundada na obra de Habermas, mas é considerada como muito insuficiente por Thompson. Gouldner discute o papel da imprensa e do jornal na formação da esfera pública, na qual os assuntos políticos eram discutidos e as ideologias floresciam. Porém, este autor estima que a ideologia se cultiva e se efetiva na escrita, desconsiderando o crescimento dos meios eletrônicos de comunicação enquanto grandes difusores de ideologias.

Além dessa ausência de uma explicação satisfatória sobre o desenvolvimento da comunicação de massa e suas implicações nas transformações culturais para a análise da ideologia, outra limitação apontada por Thompson na grande narração se relaciona com a maneira como o conceito “ideologia” é empregado. Em primeiro lugar, não há um sentido claro e unívoco. Em segundo lugar, a ideologia definida pelos teóricos de seu fim nas sociedades modernas maduras é vista por Thompson como muito pouco instigante para a reflexão sociológica.

Desta forma, John Thompson propõe uma conceituação crítica de ideologia¹, que não teria aparecido pela primeira vez na era moderna e nem teria desaparecido no

¹ Outro exemplo de conceituação crítica é encontrado na definição de Marilena Chauí, para quem a “ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros de uma sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção econômica. Pelo contrário, a função da ideologia é ocultar a divisão social das classes, a exploração econômica, a dominação política e a exclusão social, oferecendo aos membros

campo social e político. Para este autor, um conceito pertinente de “ideologia” seria, então, as múltiplas e diferentes maneiras como as formas simbólicas foram e são colocadas a serviço do poder e da dominação nas sociedades ocidentais modernas, mas também em outros contextos sociais em diferentes pontos no tempo e espaço.

Referências

CHAUI, Marilena (2014), *A ideologia das competências*, São Paulo: Autêntica.

THOMPSON, John (1995), *Ideologia e cultura moderna*, Petrópolis: Editora Vozes.

da sociedade o sentimento da identidade social, fundada em referenciais identificadores, como a humanidade, a liberdade, a justiça, a igualdade, a nação”.